
**A construção de narrativas sensacionalistas:
Uma análise do caso Eloá**

**The construction of sensasionalist narratives:
A analysis of the Eloá's case**

Antonio Batista Felix FILHO²⁹
José Riverson Araújo Cysne RIOS³⁰

RESUMO

O presente artigo propõe-se a entender a forma como são construídas narrativas sensacionalistas e reconhecer os seus impactos para a sociedade. Através de um estudo do Caso Eloá, pretende-se discutir a conduta da mídia ao utilizar práticas sensacionalistas. Dessa forma, será promovida uma reflexão crítica referente à importância de advertir um jornalismo pautado no sensacionalismo que gera reflexos prejudiciais para a sociedade.

PALAVRAS-CHAVE

Sensacionalismo; Caso Eloá; Jornalismo sensacionalista; Espetacularização.

ABSTRACT

This article aims to understand how sensationalist narratives are constructed and to recognize their impacts on society. Through a study of the Eloá's Case, it is intended to discuss the conduct of the media when using sensationalist practices. In this way, a critical reflection will be promoted regarding the importance of warning a journalism based on sensationalism that generates on harmful reflexes for society.

KEYWORDS

Sensationalism; Eloá's case; Sensational journalism; Spectacularization.

29 Estudante de Graduação 1º semestre do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC), e-mail: filhoabfelix@alu.ufc.br

30 Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará (UFC), e-mail: riverson@ufc.br

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos foi identificado um aumento significativo no número de crimes de grande repercussão no Brasil. Ocasionalmente vemos casos de violência que interrompem as programações da televisão com plantões e coberturas extensas e que, muitas vezes, são transformados em grandes espetáculos televisionados.

A palavra espetáculo traz consigo o significado de algo que tem como principal propósito despertar atenção, e é de importância significativa a percepção dos limites entre a vida real e a espetacularização. Sob essa visão, vemos que em grandes coberturas de casos de violência a presença de ações sensacionalistas se mostra muito evidente, o que ocasiona na criação de algo exageradamente fictício e superdimensionado, gerando reflexos negativos da mídia para com a sociedade.

Este estudo tem como principal objetivo analisar a construção e a interferência de narrativas sensacionalistas em coberturas midiáticas. Primeiramente, será apontado o sensacionalismo no jornalismo, traçando uma linha entre o que é real e ético e o que passa a ser espetacular e irresponsável. Embora não tenha sido delimitado um recorte temporal e nem um *corpus* de análise específico, a composição presente aqui destaca algumas medidas sensacionalistas tomadas pela mídia e se promove uma problematização da cobertura jornalística referente ao sequestro da jovem Eloá Cristina Pereira Pimentel, que protagonizou mais de 100 horas de cárcere privado televisionado. O caso citado ganhará grande destaque principalmente por conta da sua grande repercussão e por ter se tornado um fato marcante, já que foi o sequestro mais longo da história de São Paulo e o seu desfecho possui questionamentos levantados há anos. Embora trate-se de um acontecimento de mais de uma década, discutir esse fato nos permite refletir sobre questões necessárias para o momento presente, tendo em vista que a prática sensacionalista permanece existindo na atualidade e, do mesmo modo que se mostrou presente no caso Eloá, continua latente nas coberturas midiáticas atuais, assim como mencionou Guimarães *et al* (2013, p. 19)

Na atualidade, a TV tem passado por contínuas mudanças na sua programação e no seu modo de focar os conteúdos apresentados, que implicam na exaltação de programas com conteúdos espetacularizados e, algumas vezes, sem relações com o contexto social. A espetacularização é um ingrediente

presente inclusive na grade de jornalismo de muitas emissoras, as quais, mesmo que de forma sutil, apresentam programas com características semelhantes à de grandes shows como forma de chamar a atenção do público.

Além desse fato, também é importante frisar que até hoje ainda não existem órgãos competentes que regulam o que é transmitido na televisão nacional além do sistema padrão de classificação que pré-define os horários para cada faixa etária, o que não interfere no que é transmitido e nem em como isso é veiculado.

Ao final do artigo, serão feitos questionamentos sobre a conversão de notícias da vida real em espetáculos midiáticos, reflexão motivadora da realização deste estudo. Durante a análise serão enfatizadas a ética jornalística e a importância de transmitir uma informação com seriedade jamais a tratando como objeto exclusivo de audiência. Por fim, este artigo pretende discutir como as narrativas sensacionalistas são construídas, qual a motivação dessa prática, quais suas características, e finalmente apontar os seus impactos na nossa sociedade, para que a partir de então seja evitado cometer os erros de um jornalismo sensacionalista.

SENSACIONALISMO

O sensacionalismo, presente de forma excessiva em diversos produtos midiáticos e no jornalismo brasileiro, é basicamente o uso de assuntos aptos a causar impacto e impressionar o público sem preocupação nenhuma com a veracidade dos fatos. Basicamente, é a transformação de notícias da vida real em verdadeiros espetáculos. Segundo Danilo Angrimani (1995, p. 16):

Como o adjetivo indica, trata-se de sensacionalizar aquilo que não é necessariamente sensacional, utilizando-se para isso de um tom escandaloso, espalhafatoso. Sensacionalismo é a produção de noticiário que extrapola o real, que superdimensiona o fato.

Outra definição interessante é citada pela jornalista Rosa Nivea Pedroso (2001, p. 52):

Defino jornalismo sensacionalista como modo de produção discursiva da informação da atualidade, processado por critérios de intensificação e exagero gráfico, temático, lingüístico e semântico, contendo em si valores e elementos

desproporcionais, destacados, acrescentados ou subtraídos no contexto de representação e construção do real social.

O que separa um jornalismo dito “sério” de um que utiliza práticas sensacionalistas não é uma linha tênue, muito pelo contrário, na verdade, é uma grande lacuna ética que precisa, e deve, ser evitada. Características como “extrapolar o real”, “superdimensionar o fato”, “intensificar e exagerar”, “alterar valores”, dentre outras, são evidências que facilmente comprovam que essa conduta é, de fato, uma adulteração da realidade.

Tendo em vista o surgimento da imprensa na França e nos Estados Unidos, foi possível perceber a existência de práticas sensacionalistas já nesse período, demarcando presença desde a origem do seguimento. Entre os anos de 1560 e 1631, por exemplo, já podíamos perceber a circulação dos primeiros jornais franceses com características do sensacionalismo. Conforme o autor Francês Jean-Pierre Seguin, a “*Gazzete de France*” se assemelhava com os jornais sensacionalistas que conhecemos, apresentando notícias formidáveis e sensacionais e “que agradavam a todos” (ANGRIMANI, 1995, p. 19). Já no Brasil, no século XIX deu-se início à publicação de *faits divers* nos jornais nacionais, podendo ser atribuída à dinamização mundial dos meios de comunicação (GUIMARÃES, 2014).

Um exemplo marcante de “jornal popular sensacionalista” brasileiro foi o Notícias Populares. Fundado em outubro de 1963 e tendo a sua circulação encerrada em janeiro de 2001, o NP, como também era conhecido, funcionou durante 37 anos e ganhou notoriedade principalmente em virtude das suas manchetes que eram repletas de mecanismos de exagero e intensificações sensacionalistas. Essas estratégias despertavam a sensação de interesse do público pela notícia espetacularizada, fazendo com que o periódico ganhasse muita popularidade e se tornasse um exemplo atestatório do sensacionalismo.

Para Azevedo de Aguiar e Schaun (2016), o sensacionalismo é como um conjunto de estratégias comunicacionais que visam a elaboração de notícias capazes de provocar o interesse dos receptores. Já para Marcondes Filho (ANGRIMANI, 1995), em uma notícia sensacionalista é extraída a sua carga emotiva e apelativa para que essas sejam engrandecidas, fabricando uma notícia nova que depois disso passa a ser vendida por si mesma. Com base nisso, podemos pensar que, através do uso de diversos mecanismos estratégicos ao veicular uma informação, o receptor se transforma em um simples alvo a ser atingido, e o objetivo consiste em alcançar

audiência causando impacto, despertando sensações e estimulando respostas emocionais, uma vez que é exequível a corrupção da autenticidade dos fatos para alcançar esse fim.

Para estruturarmos melhor essa problematização é interessante entendermos a ligação do jornalismo com a verdade, já que em narrativas sensacionalistas é comum observarmos uma distância dessa característica que deveria ser essencial. Para Oliveira (2004), o jornalismo está fundamentalmente relacionado à veracidade das informações, o que o torna um discurso legítimo e o que o diferencia drasticamente de outros produtos midiáticos. A prática jornalística deve ser centrada no fato de se referenciar na verdade, tendo como ponto inicial a veracidade das informações obtidas. Compreendidas as ideias que fundamentam o sensacionalismo partimos para uma análise de um caso específico com a finalidade de demonstrar e entender tal prática.

O CASO ELOÁ

Para exemplificar o impacto negativo das narrativas sensacionais na sociedade será feito um estudo de caso de um grande acontecimento que foi afetado de forma direta por uma cobertura sensacionalista e que pôde tê-la como um dos principais motivos para o seu desfecho trágico tornando-se um exemplo evidente dessa prática.

No dia 13 de outubro de 2008, Lindemberg Alves, de 22 anos, invadiu armado o apartamento da sua ex-namorada Eloá Pimentel, de apenas 15 anos, que estava com a sua amiga Nayara Silva, da mesma idade, e mais dois amigos realizando um trabalho escolar. O sequestro aconteceu em Santo André, no ABC Paulista e se prolongou por cerca de 100 horas de cárcere privado, se tornando o maior crime do tipo da história de São Paulo.

No mesmo dia em que se iniciou o sequestro, Lindemberg não tardou muito para liberar os dois garotos do local, já as duas amigas seguiram como reféns e continuaram sendo frequentemente ameaçadas caso a Eloá não reatasse o relacionamento com o rapaz, relação essa que ele dizia ter sido interrompida por culpa de Nayara. No segundo dia, 14, após negociações com o GATE, Grupo de Ações Táticas Especiais, o sequestrador decide soltar Nayara durante a noite. A jovem descreveu os momentos que passou em cárcere como violentos e afirmou que Eloá estava enfrentando momentos de agressões físicas e verbais constantemente. Dois dias

após ser libertada, Nayara volta ao apartamento por orientação da polícia para tentar ajudar na negociação. Ao se aproximar muito da porta, sozinha, a adolescente foi ordenada a entrar novamente no apartamento por Lindemberg, ficando, mais uma vez, nas mãos do sequestrador. Essa atitude tomada pela polícia foi duramente criticada por profissionais da área da segurança pública e ficou marcada como um dos maiores erros de técnicas de negociação. No dia 18 de outubro de 2008, a Federação Nacional dos Policiais Federais publicou o seguinte trecho:

VEJA ouviu quatro especialistas com experiência em negociação de reféns, que apontaram o que consideram ser erros cometidos pela polícia: 1) Permitir a reintrodução de uma vítima na cena de risco. "A devolução de Nayara afrontou os padrões mais básicos de comportamento do negociador em casos com refém", disse Rodrigo Pimentel, ex comandante do Batalhão de Operações Policiais Especiais (Bope) da PM do Rio. "Era uma situação típica de sequestrador emocionalmente instável. Eles deveriam tê-la colocado em contato apenas pelo telefone", afirma o coronel José Vicente da Silva, ex-secretário nacional de Segurança Pública. (FENAPEF, 2008)

Para o negociador da Swat, Rick Hughes, "não devolvemos pessoas uma vez que conseguimos tirá-las. A coisa mais importante é proteger a vida delas" (O TEMPO, 2008). Partindo dessa linha de pensamento vemos que a opção de colocar em risco a vida de Nayara ao orientar a jovem de apenas 15 anos a negociar com um sequestrador armado pode ser considerada uma atitude extremamente precipitada e arriscada, podendo ser facilmente taxada como uma ação irresponsável. O sequestro havia começado na segunda-feira, Nayara tornou-se refém novamente na quinta-feira. Os dias se passavam e a polícia tentava vencer Lindemberg através do cansaço, todos tinham esperança de que o sequestrador desistiria de matar Eloá e libertaria as amigas.

A sexta-feira chegou e com ela nenhuma novidade sobre o caso, o dia passou rápido e tudo parecia estar na mesma. Quando, por volta das 18h desse mesmo dia, escutou-se um barulho de explosão no apartamento onde acontecia o sequestro, o GATE havia invadido o local. Nayara, sangrando na área do rosto, saiu correndo acompanhada por um policial. Lindemberg é visto logo em seguida sendo dominado pela polícia. Já Eloá é a última a sair de dentro do local, a jovem é avistada ferida sendo carregada nos braços pelos agentes. O sequestrador não teve ferimentos, já as duas jovens foram atingidas por disparos e levadas ao hospital. Nayara levou um tiro na área do rosto que não lhe deixou sequelas graves. Eloá, no

entanto, foi atingida por um tiro na cabeça e outro na virilha, a jovem não resistiu aos ferimentos e faleceu horas depois do ocorrido.

AS FALHAS NA COBERTURA DO CASO ELOÁ

Com o fim trágico relatado no tópico anterior nos vêm à mente questionamentos importantes a serem feitos: como a mídia se comportou durante essa longa e exaustiva cobertura? Como as atualizações do caso foram repassadas ao espectador? Os profissionais foram realmente capacitados e responsáveis ao lidarem com esse fato? Isso é o que analisaremos.

Logo quando a imprensa foi informada de que um sequestro estava acontecendo naquele local, vários profissionais se deslocaram até lá para apurarem mais informações e para acompanharem o andamento do caso. Todavia, eles não imaginavam o quão esse acontecimento se prolongaria e que a cobertura só seria encerrada vários dias depois. As principais emissoras de televisão transmitiram com riquezas de detalhes tudo que acontecia e em tempo real. As equipes que estavam posicionadas frente ao apartamento durante todo o ocorrido capturavam as atualizações com as suas câmaras e transmitiam os mais diversos momentos de tensão em rede nacional.

Um ponto importante para ser problematizado é a transformação de pessoas comuns envolvidas no crime em personagens de uma grande narrativa sensacional. Um exemplo é a utilização de descrições exaustivas sobre determinada pessoa. No caso de Lindemberg, por exemplo, a frequência em que era afirmado o fato dele ser considerado um rapaz tranquilo, bom trabalhador, que gostava de jogar futebol, e que estava apenas com problemas de relacionamento, leva o público a sentir aquela narrativa como um filme e, nesse caso específico, um filme que fala sobre um desentendimento amoroso em que a jovem está em apuros e os espectadores anseiam novas atualizações e o tão esperado desfecho. Em entrevista para o documentário “Quem Matou Eloá”, a Elisa Gargiulo, militante feminista, comentou: “Fica mais interessante a história, no mal sentido, dizer que um bom moço matou uma mulher. Aí, você fica querendo entender o porquê da história” (QUEM MATOU ELOÁ?, 2015).

Outra questão relevante considerada um dos erros mais marcantes cometidos pela mídia nesse caso aconteceu no dia 15 de outubro, quando a apresentadora Sonia Abrão, da Rede TV!, entrevistou Lindemberg durante o seu programa “A Tarde é sua”. A jornalista, ao transformar a situação em um grande espetáculo, usou do sensacionalismo para alcançar a audiência dos telespectadores e entrevistou ao vivo, pelo telefone, o sequestrador e a sua refém durante as negociações, interferindo diretamente no trabalho da polícia e colocando em risco a integridade da fonte, que no momento era Eloá, o que vai contra, inclusive, a um dos deveres do jornalista presente no Código de Ética (Artigo 6º - VI³¹), mostrando nenhuma importância com a conduta correta da profissão (FENAJ, 2007).

A Ana Paula Lewin, Defensora Pública do Estado de São Paulo, afirmou que, em situações como essa, o direito a vida é sempre mais importante que o direito a informação (QUEM MATOU ELOÁ?, 2015). Ainda sobre essa conduta, o jornalista Márcio Campos, em entrevista ao portal Imprensa, afirmou que a mídia excedeu os seus limites, já que nesses momentos de crise, não deve haver intervenções, tampouco da imprensa. “É o reflexo na concorrência desenfreada que se vê na mídia brasileira, que vem gerando prejuízos aos cidadãos”, completou ele (NALDONI, 2008).

Partindo para a análise de mais um problema causado pela mídia e que interferiu no andamento e no desfecho do crime é que no apartamento onde Lindemberg estava mantendo as jovens em cárcere possuía uma televisão, objeto esse que possibilitou que o sequestrador soubesse todos os passos da polícia, toda e qualquer ação que pudesse ser tomada contra ele, além de saber o que estava sendo falado sobre a situação geral. Analisando todo o contexto, percebemos a ausência de estratégias para intervir nessa questão, visto que a mídia em nenhum momento se importou com tal situação e ainda expôs o andamento do caso, incluindo negociações entre a polícia e o sequestrador, para todos os telespectadores, inclusive os envolvidos no crime. Sobre isso, a Elisa Gargiulo fez o seguinte comentário:

Havia uma televisão, o sequestrador sabia que estava sendo assistido. A Nayara falou em depoimento que ele se vangloriava de estar ocupando um espaço absurdo na televisão, na programação de vários canais. Então, isso

31 Art. 6º É dever do jornalista: VI - não colocar em risco a integridade das fontes e dos profissionais com quem trabalha (FENAJ, 2007).

empoderou o criminoso para inclusive se sentir autorizado a prosseguir no que ele estava fazendo. (QUEM MATOU ELOÁ?, 2015).

Após longos dias de cárcere, negociações e cobertura midiática o sequestro chegou ao fim, e com ele a cena mais sensacionalista de toda a narrativa. Para quem gosta de filmes de ação, o vídeo da invasão do apartamento de Eloá não se distânciava muito, um absurdo televisionado. Uma explosão, policiais invadem o apartamento, as reféns socorridas, Lindemberg tentando ser contido pelos policiais, gritos da população e tudo isso sendo registrado por diversas câmeras e transmitido para a televisão de inúmeros telespectadores, tentando passar a maior carga de emoção possível como na imagem abaixo, que mostra, sem pudor, Eloá ferida e sendo carregada nos braços por dois policiais. Ainda no documentário, Elisa Gargiulo promoveu a seguinte reflexão:

Apontar a câmera, para uma cena real de sequestro e editar como se fosse um filme de ação, a ideia é subtrair a realidade do fato. Então você transforma aquilo em uma narrativa de filme justamente para dar impressão para quem está assistindo de que aquilo não é real. As chamadas, os GCs, as cabeças de matérias, as idas para o comercial, os takes de câmera, o áudio, a trilha sonora. Esses elementos constroem essa narrativa. (QUEM MATOU ELOÁ?, 2015).

Podemos, a partir de então, afirmar que a imprensa interferiu de uma forma sem precedentes e prejudicou nitidamente o desenrolar das negociações, garantindo a sua intervenção no desfecho do caso. Mesmo tendo a possibilidade de noticiar os fatos que estavam acontecendo com transparência e apenas com o intuito de informar, a maioria dos jornalistas, portais e emissoras não escolheram esta opção, e preferiram usar de um caso de grande comoção social como objeto de audiência e transformar aquilo em uma grande narrativa para alimentar os espectadores que sentem “fome de sensacionalismo”.

A CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS SENSACIONALISTAS

Como vimos no Caso Eloá, o sensacionalismo trouxe impactos negativos em diferentes aspectos. O primeiro, a superexposição dos envolvidos, principalmente das vítimas, banalizando a violência e desrespeitando, tanto as jovens que permaneciam em cárcere quanto os seus familiares, por exemplo, em busca de audiência. Outro fato preocupante foi a elaboração

de uma narrativa que subtraiu a veracidade dos fatos e fez com que os telespectadores filtrassem a gravidade do que estava acontecendo e tivessem a sensação de que aquilo não era real, passando a entender o caso não como um crime desumano, mas como uma história de romance mal resolvida entre dois jovens. A cobertura sensacionalista também teve um papel de relevância negativo no desfecho do crime. A atuação jornalística comprometeu de maneira grave as decisões ao interferir nas negociações com entrevistas arriscadas, além de entregar um papel de protagonismo ao sequestrador, com os holofotes apontados para si ele avistou notoriedade e autoridade, se colocando em uma posição de controle da situação e das negociações.

Tomando como base o caso do sequestro de Santo André podemos absorver muitas conclusões. Contudo, sabemos também que o sensacionalismo não se faz presente somente em crimes de grande repercussão como esse. Por esse motivo, vamos procurar entender as causas, características e os impactos negativos das narrativas sensacionalistas criadas pelo jornalismo e pela mídia não só em crimes como o utilizado de exemplo, mas principalmente nas situações cotidianas que são noticiadas em jornais policiais diariamente. Segundo Marcondes Filho:

O que vai diferenciar um jornalismo dito sensacionalista de outro dito sério é somente o grau. Sensacionalismo é apenas o grau mais radical de mercantilização da informação: tudo que se vende é aparência e na verdade vende-se aquilo que a informação interna não irá desenvolver melhor do que a manchete. (MARCONDES FILHO, 1986, p. 66).

A principal diferença entre um jornalismo sensacionalista e um sério é a intensidade da comercialização da informação, o ato de tratar uma notícia apenas como mercadoria, transformando fatos simples com uma aparência mais espalhafatosa para gerar um produto que chame atenção e cause impacto alcançando um grande público. Portanto, podemos entender a busca pela audiência como uma das principais causas da utilização dessa prática.

É comum vermos diariamente jornais policiais utilizarem de práticas sensacionalistas e não nos atentarmos para a gravidade de tal feito. As características que estruturam essas narrativas parecem ser despropositais, mas quando utilizadas da maneira correta, no sentido negativo, servem para despertar a emoção do público e converter a sua atenção. Para Ana Lucia Enne, estruturam o sensacionalismo características como:

a) a ênfase em temas criminais ou extraordinários, enfocando preferencialmente o corpo em suas dimensões escatológica e sexual; b) a presença de marcas da oralidade na construção do texto, implicando em uma relação de cotidianidade com o leitor; c) a percepção de uma série de marcas sensoriais espalhadas pelo texto, como a utilização de verbos e expressões corporais (arma “fumegante”, voz “gélida”, “tremor” de terror etc.), bem como a utilização da prosopopeia como figura de linguagem fundamental para dar vida aos objetos em cena; d) a utilização de estratégias editoriais para evidenciar o apelo sensacional: manchetes “garrafais”, muitas vezes seguidas por subtítulos jocosos ou impactantes; presença constante de ilustrações, como fotos com detalhes do crime ou tragédia, imagens lacrimosas, histórias em quadrinhos reconstruindo a história do acontecimento etc.; e) na construção narrativa, a recorrência de uma estrutura simplificadora e maniqueísta; f) relação entre o jornal sensacionalista e seu consumo por camadas de menor poder aquisitivo, que, por diversas razões, seriam manipuladas e acreditariam estar consumindo uma imprensa “popular” quando, no fundo, estariam consumindo um jornalismo comercial feito para vender e alienar. (ENNE, 2007, p. 71).

Com base nisso, podemos facilmente relacionar tais características com os produtos jornalísticos que conhecemos. Jornais policiais que exploram ao máximo os eventos criminosos e os transformam em acontecimentos extraordinários, usufruem de uma linguagem próxima do leitor com marcas de oralidade para causar confinidade, utilizam mecanismos linguísticos que nos causam sensações e despertam curiosidade, causam apelo emocional produzindo manchetes chamativas e exibindo imagens que detalham os acontecimentos, geralmente criminosos, para com isso produzir efeitos dramáticos no receptor, constroem uma narrativa maniqueísta, manipulam o público a acreditar que estão consumindo um “jornalismo popular”, quando, na verdade consomem um jornalismo comercial e alienante, perduram por um longo tempo nos mesmos assuntos, etc. No Caso Eloá, por exemplo, todas essas características se fazem presentes quando analisamos sua cobertura.

Os impactos causados pelo sensacionalismo muitas vezes passam despercebidos, já em outros acontecimentos são mais drásticos. Em alguns casos, os veículos de comunicação noticiam uma informação sem se importar com a veracidade ou a relevância daquela para a sociedade, fazem isso apenas pensando na audiência que será alcançada e na boa história que será produzida, e isso, nitidamente, gera muitos riscos uma vez que leva o público a acreditar na informação quando, na realidade, não se tem uma exatidão sobre a autenticidade dos fatos.

Todas as características apelativas contribuem para a espetacularização do que é real, fazendo com que essas abordagens violentas e superdimensionadas construam um ideal de realidade única, o da violência. Moldando a opinião do receptor, o sensacionalismo o faz criar estereótipos de criminalidade e os associa a uma população negra e socioeconomicamente vulnerável, como as noticiadas em jornais policiais. Comumente, vemos notícias sensacionalistas que falam sobre criminalidade e barbaridades que acontecem em lugares habitados por pessoas de classes sociais baixas, e raramente o contrário. Essa constante afirmação da violência nesses ambientes, corrobora para a criação de um padrão que enquadraram pessoas que vivem nessas determinadas localidades como suspeitas ou perigosas, imagem criada pelos jornais sensacionalistas em detrimento de um jornalismo mais ético e responsável, anulando o conhecimento de notícias sérias e mais relevantes e fixando interesse em produtos midiáticos com narrativas superdimensionadas e incertas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo foi possível perceber que o sensacionalismo, existente desde os primórdios do jornalismo, está extremamente presente nos produtos midiáticos da atualidade e segue se distanciando da ética jornalística e acaba trazendo efeitos negativos para a sociedade. Ao problematizar a cobertura do Caso Eloá e as interferências da imprensa no desenrolar do acontecimento, conseguimos perceber até que ponto essa prática pode ser utilizada por veículos de comunicação para a obtenção de audiência, considerando as influências mercadológicas que permeiam esse veículo, concluindo, então, que a mercantilização da informação ganha um papel central de motivação para o uso desse artifício.

Além disso, observamos características presentes em narrativas sensacionalistas veiculadas constantemente e que se mostram, cada vez mais, presentes em nosso cotidiano e, considerando o papel de importância que a televisão representa em nossa sociedade, identificamos os possíveis riscos gerados pela criação de narrativas sensacionalistas nesse veículo. Portanto, deve haver uma reflexão crítica quanto à importância de se reprender um jornalismo pautado no sensacionalismo, tendo em vista as consequências geradas no receptor e na sociedade, a gravidade de não seguir as recomendações do código de ética da profissão e a

valorização de um jornalismo irresponsável em detrimento de uma execução séria e ética da profissão.

Por fim, como sequência do presente estudo, recomenda-se para trabalhos futuros um aspecto que se mostrou relevante para uma abordagem um pouco mais detalhada e que pode ser um objeto para futura investigação: a identificação de práticas existentes para diminuir os impactos do sensacionalismo. Tendo em vista seus reflexos negativos para a sociedade, levanta-se a seguinte questão “o que está sendo feito para minimizar tais implicações?”. Sendo assim, com o aprofundamento da pesquisa, realizar um levantamento de condutas combatentes da espetacularização da realidade seria de grande proveito, considerando a importância de reconhecer tais ações e propagá-las pelo universo do jornalismo.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Azevedo de; SCHAUN. A notícia e a lógica das sensações: uma contribuição para as teorias do jornalismo. **Chasqui**, Quito, n. 132, p. 225-243, ago./nov. 2016.
- ANDRADE, Rodrigo de Oliveira. Os problemas do jornalismo – espetáculo. **Observatório da Imprensa**, 29 jun. 2010. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/os-problemas-do-jornalismoespetaculo/>. Acesso em: 19 fev. 2021.
- ANGRIMANI SOBRINHO, Danilo. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.
- ENNE, Ana Lucia. O sensacionalismo como processo cultural. **Eco-Pós**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 70-84, jul./dez. 2007.
- FENAJ. **Código de ética dos jornalistas brasileiros**. Federação Nacional Dos Jornalistas, 2007. Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2021.
- FENAPEF. Rapaz atira em ex-namorada após 100 horas de cárcere privado. **Federação Nacional dos Policiais Federais**, 18 out. 2008. Disponível em: <http://fenapef.org.br/18004/>. Acesso em: 22 jan. 2021.
- GUIMARÃES, Carolin *et al.* **Jornalismo policial sensacionalista**: A sociedade do espetáculo. 2013. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo) – Centro de Ensino Superior do Ceará, mantenedora da Faculdade Cearense, Fortaleza, 2013.
- GUIMARÃES, Valéria. Primórdios da história do sensacionalismo no Brasil: os faits divers criminais. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 16, n. 29, p. 103-124, jul./dez. 2014.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **O Capital da Notícia**: jornalismo como produção social de segunda natureza. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1986.

NALDONI, Thaís. “Foi uma tremenda derrapada da imprensa”, diz Márcio Campos, autor de livro sobre o caso Eloá. **Portal Imprensa**, 10 dez. 2008. Disponível em: encurtador.com.br/bvJ16. Acesso em: 10 fev. 2021.

O TEMPO. Especialistas tacham de erro a volta de Nayara ao cativeiro. **O Tempo**, 29 abril 2013. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/brasil/especialistas-tacham-de-erro-a-volta-de-nayara-ao-cativeiro-1.250353>. Acesso em: 10 fev. 2021.

OLIVEIRA, Dennis. Fronteiras do Jornalismo no espaço midiático: a real dimensão da função ideológica da informação jornalística. **Revista PJ:Br jornalismo brasileiro**. São Paulo, n. 03, p. 1-12, jul. 2004.

PEDROSO, Rosa Nívea. **A construção do discurso de sedução em um jornal sensacionalista**. São Paulo: Annablume, 2001.

QUEM Matou Eloá?. Direção: Lívia Perez. Produção de Fernanda De Capua. Brasil: Doctela, 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4IqIaDR_GoQ. Acesso em: 12 fev. 2021.